

UM SERIADO COMO FONTE DE ILUSTRAÇÃO DE UMA DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A TEORIA DO RECALQUE¹

João Eudes Portela de Sousa²

RESUMO

O presente artigo versa sobre um estudo a respeito das primeiras traduções para o português da obra freudiana, na qual acabaram apresentando problemas na sua tradução direta do alemão. Muitos anos se passaram e ainda restam várias discussões a respeito da metapsicologia freudiana e uma dificuldade de se chegar a um consenso na tradução de alguns conceitos. Daí discutiu-se os conceitos freudianos de recalque e repressão, utilizando-se de um seriado de televisão norte-americana, chamado *Revenge*, lançado em 2011 e criado por Mike Kelley. Por meio destes conceitos freudianos - recalque e repressão – pôde ser analisados e discutidos, de forma a se entender diferenciação entre eles.

Palavras-chave: psicanálise, repressão, recalque, inconsciente

ABSTRACT

This paper discusses a study about the first Portuguese translations of Freud's work, which ended up having problems in its direct translation from German. Many years passed and yet there are several discussions about the Freudian metapsychology and a difficulty of reaching a consensus on the translation of some concepts. Hence it was discussed the Freudian concepts of repression and suppression, using a series of American television, called *Revenge*, released in 2011 and created by Mike Kelley. Through these Freudian concepts - repression and suppression - could be analyzed and discussed in order to understand the differentiation between them.

Keywords: psychoanalysis, repression, repression, unconscious

¹ Recalque é o modo como o aparato psíquico é cindindo em uma operação contínua de afastamento da consciência de conteúdos incompatíveis com sua estruturação (Freud, 1915c).

² Aluno especial do mestrado em comunicação social da Universidade Federal do Piauí. Professor de marketing, comunicação e eventos do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará.

INTRODUÇÃO

Até os dias de hoje a tradução da obra freudiana causa muitas discussões teóricas, seus estudos tem tido bastante significado no panorama das ciências humanas no século XXI, se tornando fundamental para autores de filosofia e sociologia. Já se passaram mais de cem anos e só agora começam a aparecer às primeiras traduções diretas do alemão, ainda causando muitas dúvidas e confusão para quem ler. Freud declarou que a teoria do recalque é pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise e até nesse meio, existem discussões a respeito do emprego de algumas palavras, causando estranheza e discórdia entre alguns psicanalistas. O presente artigo tem como objetivos diferenciar o significado de recalque e repressão, no intuito de contribuir na interlocução do emprego de alguns termos importantes na metapsicologia freudiana. Para enriquecer e ilustrar tais conceitos optou-se por utilizar uma série de televisão como pano de fundo. O início de trabalho, é narrado sucintamente o enredo da serie e, em seguida, é apresentado o conceito de recalque e repressão. Posteriormente, é abordado o conceito de alucinação negativa, enquanto uns mecanismos de defesa que corrobora com a sustentação da repressão. Por fim, algumas considerações finais são apontadas.

“Revenge”

Revenge é uma série de televisão norte-americana de drama criada por Mike Kelley e estrelada por Madeleine Stowe e Emily VanCamp. A série estreou nos Estados Unidos pela emissora ABC em 21 de setembro de 2011 e a segunda temporada com estréia em 30 de setembro de 2012. A série Ganhou uma temporada completa pela ABC depois do episódio piloto obter altos índices no ranking da Nielsen e posteriormente a liderança no ranking de televisão estadunidense (CBS, Fox, CW e NBC) na faixa etária de 18-34. Madeleine Stowe foi indicada como melhor atriz em drama de TV ao globo de ouro, enquanto a série foi indicada na categoria melhor nova série de drama favorita ao people's choice awards. A série atualmente vai ao ar em 39 países em todo o mundo. Revenge tornou-se a série da ABC de maior audiência na

quarta-feira desde a temporada 2006-2007 de Lost, e se tornou a única série estreante de maior audiência na faixa etária de 18-49 desde o último episódio de Lost.

Emily Thorne (Emily VanCamp), cujo verdadeiro nome é Amanda Clarke, era uma criança quando seu pai foi preso acusado injustamente de terrorismo, sendo julgado e condenado à prisão, onde acabou morrendo. Tendo sido privada do convívio com seu pai, sente que teve a vida destruída por essas pessoas que armaram e destruíram seu pai, fazendo com que ela passasse sua infância na detenção juvenil. Quando completou 18 anos, ela foi solta e recebeu a herança de seu pai, além de uma caixa contendo detalhes sobre as pessoas que arruinaram a vida deles, assim ela muda seu nome para Emily Thorne e resolve se vingar de cada um deles.

Emily iniciou sua jornada sabendo apenas que seu pai havia sido preso injustamente pelo maior amor de sua vida. Mas ela descobriu da pior maneira, que tinha uma irmã e que sua mãe estava viva. Em um determinado dia, após um acidente com sua amiga, Emily vai visitá-la no hospital e ao chegar ao quarto ver uma mulher debruçada sobre sua amiga a qual trocaram identidades, mobilizada pela situação, Emily cai em pranto ao lembrar de um episódio de sua vida, onde sua própria mãe tenta matá-la.

O seriado todo passa a girar em torno da vingança de Emily Thorne para honrar o nome do seu pai e a revelação de sua história familiar. Até o final da segunda temporada, Emily ainda esconde sua verdadeira identidade, contando apenas para seus aliados e Jack, uma paixão de infância. Nesta cena, que finaliza a segunda temporada, Jack escondido esperando o momento certo para atirar no grande vilão do seriado, o patriarca da família Grayson, com o intuito de vingar a morte de sua esposa, a fiel aliada da protagonista e seu irmão. Quando Emily surge de repente contando toda a sua verdade, assim impedindo-o de atirar.

A teoria Freudiana

O trauma, a tentativa de morte vivida por Emily Thorne, torna-se um segredo, algo da ordem do não dito, do impensável. Emily recalca a história vivida com sua mãe e, seu pai, nega o que de fato havia acontecido: sua própria mãe tanta matá-la afogada.

O seriado é todo voltado para o projeto de vingança, Emily se ocupa tanto nessa idéia de vingar a morte de seu pai, que nem imagina a real história vivida em sua infância. As lembranças estavam presentes no psiquismo de Emily, sem que ela própria

tivesse consciência. A presença de sua mãe no hospital possibilita o retorno ao percurso utilizado por Freud na construção de sua metapsicologia. Segundo Freud (1915b), uma lembrança latente é um resíduo de um processo psíquico. As lembranças latentes se instauram no psiquismo e podem vir à consciência.

Freud declarou que “a teoria do recalque” é pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. A tradução da obra freudiana se diferencia dependendo da língua, o termo *Verdrängung* assume um significado diferente. O que ficou evidente em algumas leituras foi que em algumas traduções para o português utilizou-se a palavra repressão, em outras, verificou-se que o uso mais adequado seria recalque. As diferentes traduções podem-se entender como uma consequência da falta de clareza do próprio Freud no uso da palavra *Verdrängung*, bem como a própria riqueza da língua alemã. No início, os termos recalque e defesa foram utilizados como quase equivalentes, sendo que o termo realmente empregado para descrever o processo não é repressão, mas defesa. As primeiras traduções da obra freudiana foram feitas do inglês para o português e no início, os dois termos foram utilizados por Freud indiretamente, quase como equivalentes, embora defesa fosse algo mais comum.

Com base no dicionário comentado do alemão de Freud, Hanns (1996) afirma que o termo em alemão é traduzido por recalque ou repressão. O verbo *verdrängen* genericamente significa empurrar para o lado, desalojar (...) conotativamente, “*verdrängen* remete a uma sensação de sufoco, incômodo, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda.” (p.355). O autor diferencia o uso de repressão e recalque em português. Aponta que a palavra recalque não é utilizada coloquialmente e abarca um sentido originário da linguagem da construção (rebaixamento da terra ou de paredes após a construção). O radical “calcar” tem diversos usos (calcar a terra, o terreno=pressionar-pisar-apertar). Também se aplica, em linguagem mais figurada, a idéia de oprimir, vexar, desprezar etc. (Hanns, 1996, p. 358).

A tradução brasileira das obras de Freud, em alguns momentos, utiliza-se do termo repressão ao invés de recalque. As traduções mais recentes, feitas diretamente do alemão, nos possibilitam uma melhor apreensão das idéias de Freud, no que se refere à fundação do aparelho psíquico freudiano.

Para se referir às primeiras marcas, segundo uma lógica e em virtude de mecanismos que operam abaixo do limiar da nossa consciência, na base da estrutura psíquica, opera de forma subterrânea, as experiências arcaicas muito fortes, que

instauram o inconsciente e que jamais chegarão à consciência, Freud nomeou *Verdrängung*. A resistência se manifesta sob falha de memória ou da incapacidade de falar sobre o tema sugerido. As primeiras percepções recalcadas darão origem ao aparelho psíquico que, a partir de então, não cessará de funcionar. No pensar de Garcia-Roza (1996, p.155), Freud concebe o aparelho psíquico que se constitui “enquanto aparelho de memória e de linguagem”.

O inconsciente é uma parte de nossa psique que guarda tudo que já vivenciamos, ele abriga pensamentos, desejos e lembranças que, por seu teor excessivo, sexual ou violento, não suportamos manter por perto – e, por isso, são removidos para uma espécie de “porão” psíquico para que não tenhamos de lidar com eles a cada instante.

No pré-consciente compreende os eventos, processos e conteúdos mentais capazes de serem trazidos à consciência quando focaliza a atenção. A energia está ligada por meio de cadeias associativas e pode tanto se ligar aos conteúdos inconscientes, por meio dos pensamentos oníricos, com a consciência, através dos devaneios noturnos. Quando os pensamentos do Inconsciente querem passar pro Pré-consciente sofre então a primeira censura. Esses conteúdos só conseguem ultrapassar essa barreira, chegando ao outro sistema, por meio de condensações e deslocamento. Ainda existe uma segunda censura que também dificulta essa passagem dos conteúdos do Pré-consciente para o Consciente.

As percepções (*Wahrnehmungen*), que em si mesmas não constituem memória, vão dar lugar as primeiras inscrições (*Niederschriften*) que passam a funcionar como signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*). Estes signos de percepção formam o primeiro registro mnêmico, ainda não estruturado como linguagem, mas organizado de acordo com a associação por simultaneidade. O registro seguinte destes signos é o da inconsciência (*Unbewusstsein*), onde eles serão organizados não mais segundo a associação por simultaneidade, mas segundo a associação por causalidade. O terceiro registro é da pré-consciência (*Vorbewusstsein*) onde essas representações-objeto se ligam as representações-palavra. Este último registro é o único capaz de acesso à consciência. (Garcia-Roza, 1996, p. 162).

Para Freud (1915b, p.31) “no processo de recalque o afeto se separa de sua idéia e ambos seguem seus destinos separadamente.” Referindo-se à dinâmica do recalque, ele afirma que recalque é “um processo que ocorre na fronteira entre os sistemas *Ics* e *Pcs* (Cs) e que ele opera sobre as idéias [*Vorstellung*] que aí se encontram. Afirma que o *Ics* tem muita vitalidade e é capaz de influenciar o *Pcs* e, ao mesmo tempo, de ser influenciado por ele.” (ibdem, 1915b/2004, p.40).

Retornando ao seriado... Emily recalcou a história de sua mãe. Ao encontrá-la, a percepção visual tomou conta dela e, ao lembrar do episódio, Emily é tomada por um afeto desconcertante, cindido de uma representação. Como o tempo no inconsciente não é cronológico é algo vivo, o afeto, que fora recalçado por Emily, é atualizado no momento em que ela visualiza sua mãe, passando, assim, a ser algo presente e intenso em sua consciência.

Seu namorado relata, no episódio, que sua mãe não era uma pessoa boa e que também como seu pai, achou melhor esconder a identidade de sua mãe. Emily fica revoltada e cai em prantos.

É pertinente lembrar que, o objeto transicional introduz uma experiência intermediária, na qual possibilita “a capacidade do bebê criar, imaginar, inventar, originar, produzir um objeto” (Winnicott, 1951/1975, p. 14). A experiência intermediária acontece a partir daquilo que é experimentado e introjetado na relação mãe/bebê. O bebê projeta no objeto a relação verdadeira de objeto vivida anteriormente com sua mãe. No seriado, a imagem da mãe assumiu o sentido de um fenômeno transicional: a imagem ocupou o campo do intermediário, algo que ligava e estabelecia um laço psíquico entre mãe e filha. As lembranças estavam lá guardadas no inconsciente, mesmo sem saber que aquela pessoa era sua mãe, ao visualizar a mulher, o seu inconsciente conserva a imagem da mãe, o que possibilitou a Emily o reconhecimento automático e instantâneo. Entretanto, se, em um primeiro momento a figura de sua mãe assumiu uma importância na vida de Emily, com o passar do tempo, tornou-se um corpo encapsulado no ego, uma lembrança que deveria ser esquecida e recalçada.

A ilusão de que sua mãe tinha morrido veio do próprio processo de repressão vivido por sua família. Seu pai contou histórias sobre sua mãe, sua infância. Criou-se um mito familiar que dizia respeito à vida do grupo familiar. Houve um processo de negação, enquanto um mecanismo de defesa do pai. O mito familiar foi fundando na negação de que de fato havia acontecido e teve a função de evitar a dor psíquica.

O sujeito tem uma grande capacidade de memória, chamada de hipermnésia, onde se constata que a capacidade do lembrar sofre influência, uma delas “[...] recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequentemente levar a liberação de desprazer” (Freud, 1997 [1898]). O que podemos levar em consideração é que lembranças tristes tendem a ser mais facilmente recordadas em

momentos tristes, como as lembranças alegres mais facilmente lembradas em momentos de alegria.

No pensamento de André Green (1988, p.24):

Há muitos anos, eu propus que designássemos, sob a denominação de trabalho do negativo, o conjunto das operações psíquicas para as quais o recalque é o protótipo, tendo dado posteriormente variantes distintas: tais como a negação, a condenação (“desaveu”), o repúdio (“forclusão”).

Green (2008) aponta a questão da alucinação negativa enquanto um fenômeno de apagamento, essa não percepção de algo que deveria ser percebido. No seriado há uma cena que permitem pensar sobre este processo: Emily, após reconhecer sua mãe no hospital, questiona seu namorado sobre o ocorrido. Ele afirma que já sabia da identidade de sua mãe, dizendo que não contou antes, omitindo a verdade dos fatos para não machucá-la. Esses brancos e apagamentos acabam assumindo a função psíquica de um mecanismo de defesa do ego que impossibilita que venha à consciência o conteúdo que foi reprimido.

Apesar de seu pai não ter revelado a tentativa de assassinato, seu namorado não ter revelado a verdadeira identidade de sua mãe e se utilizar dos mecanismos de alucinação negativa, com o intuito de camuflar seus atos, o conteúdo reprimido vem à tona. Freud (1912-1913, p. 188) já afirmava a existência de processos psíquicos que avançam de uma geração à outra. Mesmo havendo conteúdos reprimidos, restam ainda vestígios.

Podemos presumir com segurança que nenhuma geração pode ocultar à geração a que sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise nos mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um apparatus que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos. Uma tal compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e dogmas que restaram da relação original com o pai pode ter possibilitado às gerações posteriores receberem sua herança de emoção. (Freud, 1912-1913, p. 188).

Dessa forma questiona as heranças psíquicas recebidas de nossas famílias e da sociedade, ficam guardados, seus processos mentais, não conseguindo esconder dos demais, passando por gerações. Há famílias que mantêm alianças inconscientes e pactos da ordem dos segredos. Ainda para Freud (1907[1906], p.55), “As ideias só são reprimidas porque estão associadas à liberação de sentimentos que devem ser evitados”.

Por conta disso se discute que muitas vezes aquele conteúdo que os pais temem que seja transmitido a seus filhos é justamente o que é passado e retorna na forma de sintoma: “a transmissão opera-se à sua revelia, dado que o não dito comparece na subjetividade da criança através dos processos de identificação e construção de valores e ideais, na trajetória edípiana.” (ROSA, 2001, p. 127). Não é possível dizer que houve o surgimento de sintomas no grupo familiar, devido ao material psíquico reprimido, pois o seriado não aborda o assunto.

A questão que se coloca é: por que motivo Emily resolve romper com aliança familiar inconsciente de manter o segredo em relação a sua origem? Uma explicação possível pode ser encontrada no texto do pai da psicanálise - *Romances Familiares* (1909). Ao escrever sobre a relação criança e seus pais, Freud (1909, p. 243) discorre sobre o fato de que, para a criança pequena, os pais são a fonte de todo o conhecimento. “O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (...). Contudo, ao desenvolver-se intelectualmente, a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem.”

Emily, mobilizada pelo afeto desencadeado pela imagem e presença da mãe, desvenda sua história familiar, apropriando-se conscientemente dos fatos recalcados em seu inconsciente. Em uma cena, mobilizada por tudo que havia descoberto, Emily fica transtornada, cai em prantos e bate em seu namorado. É possível pensar o quanto ela estava tomada por conteúdos que não conseguia elaborar e administrar, já que invadiram seu psiquismo como uma avalanche.

Aos poucos, Emily consegue montar o quebra-cabeça de sua história e acha mais prudente não revelar sua identidade para sua mãe, aconselhando-a mudar de cidade. Emily não consegue enxergá-la como sua mãe e continua o seu plano de vingança. O seriado não se aprofunda nas questões que a levam a tomar tal decisão, mas é possível pensar que a atitude de Emily deve-se ao vínculo que teve com seu pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou discutir e diferenciar os conceitos freudianos: recalque e repressão. Tal discussão se faz pertinente, pois algumas traduções da obra de Freud, bem como trabalhos publicados, têm utilizado os dois termos como sinônimos. Foi utilizado o seriado “REVENGE” como um recurso ilustrativo de tais conceitos.

A história narrada na série é, possivelmente, a história de muitas crianças que sofrem violência doméstica. No filme, algumas partes da história de Emily lhe foram songadas. Houve tentativas de tapar as lacunas vivenciadas, mas o afeto recalcado veio à tona assim que Emily viu-se frente à figura de sua mãe. Como foi dito anteriormente, a representação recalcada teve acesso à consciência.

Entretanto, este fragmento de representação veio à consciência de Emily sem o seu significante. Desse modo, ela se mune pelo desejo epistemológico de entender o significado mais profundo da figura materna. Por muito tempo, ela não pôde desvendar o segredo familiar, pois era da ordem de muito sofrimento psíquico: seu pai escondia toda a verdade! Nesse sentido, talvez a opção que lhe restava era o recalçamento.

Entretanto, quando encontra sua mãe, não nega a realidade e uma avalanche de lembranças toma conta de sua mente e desvenda os segredos de sua família.

Em Totem e Tabu, Freud (1912-1913/1980, p.188) cita a célebre frase de Goethe: “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu.” Como foi exposto anteriormente, os conteúdos que foram ocultados por uma geração, manifestar-se-ão nas gerações seguintes. Então, cabe a cada um apropriar-se e dar sentido àquilo que se herdou.

REFERÊNCIAS

Freud, S. (1907[1906]/1980). Delírios e Sonhos de Gradiva de Jensen. In S.Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. IX: Gradiva de Jensen e outros trabalhos* (pp. 13-98). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (1909/1980). Romances Familiares. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. IX: Gradiva de Jensen e outros trabalhos* (pp. 243-247). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (1912-1913/1980). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIII: Totem e tabu e outros trabalhos* (pp. 13-197). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

- Freud, S. (1915a/2004). O Recalque. In S. Freud, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1915b/2004). O Inconsciente. In S. Freud, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 2: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1925/1980). A Negativa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX: O Ego e o id e outros trabalhos* (pp. 293-300). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Garcia-Roza, L. A. (1996). *Introdução à Metapsicologia Freudiana 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Green, A. (1988). O trabalho do negativo. *Ide*, 16, 24-28.
- Green, A. (1995). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. São Paulo: Imago.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. São Paulo: Imago.
- Kaës, R. (2003). A negatividade: problemática geral. *Psicologia USP*, 14(1), 21-36.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1988). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rosa, M. D. (2001). O não-dito familiar e a transmissão da história. *Psyché*, 5(8), 123-137.
- Winnicott, D. W. (1951/1975). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar & a Realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).